

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA

Angelina Cardoso Cufaro* e Marisa Pinheiro de Oliveira Fernandes**

I- INTRODUÇÃO

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA é um projeto em desenvolvimento no curso noturno de uma escola municipal para deficientes auditivos em S. Bernardo do Campo, iniciado em fevereiro de 2000, tendo como elementos envolvidos 20 alunos jovens e adultos semi e não-alfabetizados, cujas idades variam entre 18 e 34 anos, sendo a surdez de grau profundo predominante no grupo.

Partindo do desejo do grupo de conhecer os fatos locais e mundiais, resolvemos proporcionar condições para que estes alunos se inteirassem dos fatos através da apresentação diária do telejornal, encaminhando-os a uma reflexão crítica, com vistas à formação para a cidadania, contribuindo para que se tornem agentes transformadores e construtores do próprio conhecimento, além de desenvolver e aprimorar de forma significativa sua competência lingüística em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Para que nossos objetivos se efetivassem, foi necessário que o binômio Pedagogia e notícia se integrassem de forma a atingirmos o que chamamos de alfabetização social, pois mais do que a leitura da palavra, ao aluno está sendo oferecida a oportunidade de desenvolver a capacidade de ler o mundo através do julgamento crítico dos fatos, observando, discutindo, aprimorando suas idéias no confronto com a opinião do outro. Acreditamos assim, estar cumprindo uma das mais ricas tarefas da escola: educar para a educação contínua.

II- DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Escolhemos o telejornal como instrumento de transmissão das notícias, porque a televisão nos fornece recursos de cunho visual, os quais são fundamentais no processo de recepção das informações pelo surdo, por encontrar-se impedido de recebê-las através da via auditiva; como cita o professor José Manoel Morán: *"...a televisão explora basicamente, o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores e as relações espaço-temporais..."*

Além dos obstáculos próprios da surdez, há também limitações causadas pelo não-letramento, por tratarem-se de alunos, em sua maioria não-alfabetizados, tornando, de certa forma, inviável o uso restrito de notícias escritas, como no caso dos jornais, revistas e outros.

*Pedagoga habilitada em EDAC das Prefeituras de S. Bernardo do Campo e de Diadema e Psicopedagoga do grupo Ponte da Pré-Escola "Lugar de Vida"- USP

**Pedagoga habilitada em EDAC das Prefeituras de S. Bernardo do Campo e S. Paulo

Através desse projeto, os alunos estão despertando interesse também pelas notícias escritas, relacionando-as às informações obtidas pelo recurso televisivo. Visto que: *"A capacidade de ler e escrever (literacy) não é simplesmente uma habilidade mental isolada de qualquer outra coisa. É a capacidade de utilizar e explorar um conjunto de recursos culturais. A evolução, desses recursos junto com o conhecimento e a habilidade de explorá-los em função de determinadas metas, é o que forma a capacidade de ler e escrever"* [Rodrigo, M.J.et alü (1998)].

A idéia envolvendo o trabalho com o telejornal em sala de aula, surgiu no final do ano de 1999, quando, atendendo às solicitações dos alunos, apresentamos um noticiário, integralmente traduzido em Língua de Sinais. No final da programação, o grupo pediu que repetíssemos a atividade durante a semana, pois queriam ter acesso às notícias, pois o fato de não ouvir e de não conseguir ler as legendas transmitidas durante as programações do Jornal Nacional, Rede Globo, os impedia de saber o que ocorria no Brasil e no mundo estando em suas residências, visto que a maioria não conta com membros da família que possam traduzir, ou por falta de tempo, impaciência e/ou falta de conhecimento da Língua de Sinais.

No início do ano letivo, sistematizamos as idéias e tornamos diárias as apresentações. Notamos então, que as notícias poderiam ser transformadas em narrativas através das quais os alunos seriam estimulados a perceber a problemática do fato. Adotada essa postura, o diálogo tornou-se a base, e o questionamento, o detonador do pensamento, pois como afirma Paulo Freire: *"Uma das tarefas fundamentais do educador progressista é, sensível à leitura e releitura do grupo, provocá-lo, bem como estimular a generalização da nova forma de compreensão do contexto"*.

Os temas discutidos são utilizados de forma transdisciplinar contemplando os conteúdos curriculares das diversas áreas do conhecimento. Temas de cunho ético, os quais envolvem valores nem sempre claros para a compreensão dos nossos alunos ou para a nossa própria; questões sobre meio ambiente, sexo, drogas, Aids, política, economia e outros, são amplamente discutidos no decorrer de cada aula. O que está em jogo não é a formação de um senso comum mediante a obtenção de uma única resposta aos problemas percebidos, mas a construção de opiniões conscientes derivadas de um pensamento autônomo.

III - O PROJETO

OBJETIVO GERAL

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA tem como objetivo, criar espaços para promover a prática do pensar crítico-reflexivo mediante a problematização das informações transmitidas por meio da notícia televisiva, a produção do discurso, bem como a ampliação da competência lingüística em LIBRAS.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Promover o desenvolvimento da capacidade cognitiva conduzindo-os a um pensamento autônomo capaz de:

- observar sistematicamente os fatos;
- perceber o problema;
- julgar e estabelecer valores;
- criar alternativas;
- argumentar sobre suas idéias;
- re-significar os conceitos.

PLANO DE AÇÃO

O TELEJORNAL NA SALA DE AULA é desenvolvido em três momentos:

1º Contato com a notícia

Os alunos assistem à transmissão do telejornal, o qual é simultaneamente traduzido em Língua de Sinais.

2º Retrospectiva

A fim de garantir uma real compreensão do que foi transmitido, realizamos um momento de retrospectiva, no qual os alunos retomam as notícias. Caso haja alguma distorção, as correções são feitas pelos próprios alunos ou pelo professor.

3º Fórum de discussões

O grupo se organiza em círculo junto aos professores e damos início às discussões. Os alunos são convidados a escolher o assunto de maior destaque e a tecer comentários a respeito. Ao professor fica o papel de argumentador e problematizador das situações, e neste momento, esta função tem sido exercida pelos próprios alunos. É importante que o professor tenha claro qual o tipo de habilidade que pretende que o aluno desenvolva, bem como os valores que permeiam a questão. Em suma, o papel do professor é o de desequilibrador, levando o aluno à re-significação do pensamento. Neste caso não existem erros nem acertos, o que está em questão é a capacidade de refletir, julgar e argumentar criticamente.

A discussão somente se encerra quando todas as possibilidades de instigação e reflexão estiverem esgotadas neste contexto.

Muitos dos temas são levados e trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa, na produção e leitura de textos, em Matemática, Ciências e demais áreas do conhecimento.

TEMPO DE DURAÇÃO:

Utilizamos o tempo de 45 minutos, aproximadamente, na transmissão do telejornal e uma hora, aproximadamente, no desenvolvimento do fórum de discussões.

AValiação

As avaliações ocorrem de forma contínua no processo, através da observação sobre as argumentações feitas pelos alunos, o nível e o tempo de atenção de cada um, as transferências e/ou associações entre as notícias e o desempenho do aluno, a fim de verificar as relações entre o desenvolvimento do pensamento reflexivo e a produção de discurso nas diferentes áreas do conhecimento.

CONCLUSÃO

Fomos buscar na Psicanálise lacaniana alguns pontos fundamentais para sustentar o nosso trabalho

1. *Educação com enfoque no sujeito* que se constitui na linguagem; um sujeito que não coincide com o sujeito do cogito da filosofia cartesiana, nem com o sujeito epistêmico de Piaget, ou nem com o do comportamentalismo de Watson: sujeito que é feito e efeito da linguagem, a qual “*não é instrumento de comunicação, mas a trama que o constitui*” [Kupfer, M.C. (200)]. Cortamos o vínculo com aquela concepção de educação que Freire Costa (1986), chama de psicológica, aquela que forma o *tipo psicológico ordinário*, cujo perfil é moldado segundo a classe social ou grupo cultural hegemônico, para investirmos na relação do sujeito com a sua verdade. Verdade esta construída entre risos e lágrimas, por sua história de vida, transmitida através do discurso, que tem sua materialidade nos códigos socialmente estabelecidos, de acordo com cada comunidade lingüística. Em síntese soltamos as amarras da escola tradicional para termos como eixo norteador, a prioridade do *sujeito sobre o objeto, da análise do discurso* por onde perpassam a cultura e o conhecimento, *sobre os conteúdos estanques*, propiciando condições (instrumento telejornal) para que o surdo se instale e apreenda o discurso social escolar, construindo um marco de referência conceitual, que possa ser utilizado em diferentes domínios do conhecimento. Enfim, um pensar que faça ponte entre os conhecimentos cotidianos e os acadêmicos, num discurso em que *ele é o próprio autor*.

2. *A Educação é concebida como um discurso social*, segundo [Kupfer, M.C.] nessa perspectiva em que “*educar é a prática social discursiva responsável pela imersão do sujeito na linguagem, tornando-o capaz de produzir discurso...*”, a escola é considerada como o lugar onde se educa, passa a ser o espaço historicamente constituído e autorizado do discurso social, no qual permeiam valores, ideologias etc., sendo importante observarmos como o surdo se instala nesse discurso, e como faz ou não, parte da cena discursiva, geralmente construída de e para ouvintes. O problema da aprendizagem justamente aparece localizado no ponto de articulação entre o sujeito e o discurso social que o determina, confronta, e, às vezes, o exclui.

Esse ponto de articulação pode ser de conflito, de paralização do aluno frente ao desejo de saber. E foi nessa situação de cristalização, de anorexia de saber, que encontramos o nosso aluno. O telejornal sendo um discurso

que se materializa pelo lingüístico (traduzido para Libras) e pelo visual, foi o instrumento utilizado para resgatarmos a presença e a inserção do surdo na cena discursiva, posição esta, estabelecida pelas relações construídas por ele, entre linguagem, pensamento e mundo.

No final do primeiro semestre, observamos que os objetos específicos haviam sido atingidos, pois, todos os alunos, com exceção de dois, alfabetizados ou não, com pouca ou muita fluência de LIBRAS estavam observando e relacionando sistematicamente os fatos, percebendo e reinventando os problemas, julgando e estabelecendo valores, criando alternativas, argumentando sobre suas idéias, ressignificando conceitos, participando e marcando sua presença na cena discursiva, social e política transmitida pelo telejornal e também por sua comunidade, conquistando o respeito dos colegas dos ciclos superiores e de si mesmo, como cidadãos pensantes capazes de se inserir e produzir discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freire Costa, J. Saúde mental, produto da educação? Em: *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- Kupfer, M.C. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. S.Paulo: Escuta, 2000.
- Morán, J.M. *Video na sala de aula*. Em: Rev. Comunicação e Educação, ECA/USP. jan., 1995.
- Rodrigo, M.J. *et alii Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança*. S. Paulo: Editora Ática, (p.122) 1998.